FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador
Herman Jacobus Cornelis Voorwald

Diretor-Presidente
José Castilho Marques Neto

Editor-Executivo
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Conselho *Editorial Acadêmico*
Alberto Tsuyoshi Ikeda
Célia Aparecida Ferreira Tolentino
Eda Maria Góes
Elisabeth Criscuolo Urbinati
Ildeberto Muniz de Almeida
Luiz Gonzaga Marchezan
Nilson Ghirardello
Paulo César Corrêa Borges
Sérgio Vicente Motta
Vicente Pleitez

Editores-Assistentes
Anderson Nobara
Henrique Zanardi
Jorge Pereira Filho

Pedro Daniel
Verão/2014

Peter Burke (Org.)

A escrita da história
Novas perspectivas

Tradução de
Magda Lopes

editora
unesp

Copyright © 1991 by Brasil Blackwell Limited, England
Título original em inglês: *New Perspectives on Historical Writing*

Copyright © 1992 da tradução brasileira:
Fundação Editora da UNESP (FEU)
Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP-BRASIL. Catalogação na fonte
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E73

A escrita da história: novas perspectivas / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes.
São Paulo: Editora Unesp, 2011.
368p.

Inclui índice
ISBN 978-85-393-0095-2

1. Historiografia. I. Burke, Peter, 1937-.

11-0927. CDD: 907.2
CDU: 82-94

Editora afiliada:

Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe

Associação Brasileira de Editoras Universitárias

Sumário

Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro 7
Peter Burke

A história vista de baixo 39
Jim Sharpe

História das mulheres 65
Joan Scott

História de além-mar 99
Henk Wesseling

Sobre a micro-história 135
Giovanni Levi

História oral 165
Gwyn Prins

História da leitura 203
Robert Darnton

História das imagens 243
Ivan Gaskell

História do pensamento político 279
Richard Tuck

A história vista de baixo

*Jim Sharpe**

Em 18 de junho de 1815, houve uma batalha próximo à aldeia belga de Waterloo. Como sabem todos aqueles que estudaram a história britânica, o resultado daquela batalha foi que um exército aliado, comandado pelo Duque de Wellington, com a ajuda tardia mas decisiva das forças prussianas lideradas por Blücher, derrotou um exército francês, comandado por Napoleão Bonaparte, sendo assim decididos os destinos da Europa. Nos dias que se seguiram à batalha, um daqueles que ajudou a determinar o destino de um continente, o soldado William Wheeler, da 51ª Infantaria Britânica, escreveu várias cartas a sua esposa:

> Os três dias de luta terminaram. Estou salvo, isto é o que importa. Descreverei agora, e em toda oportunidade, os detalhes do grande acontecimento, ou seja, o que pude dele observar... A manhã do dia 18 de junho surgiu sobre nós e nos encontrou ensopados de chuva, entorpecidos e tremendo de frio... Você muitas vezes me censurou por fumar, quando eu estava em casa no ano passado, mas devo dizer-lhe que, se eu não tivesse um bom estoque de tabaco nessa noite, poderia ter morrido.[1]

---

* Assistente-sênior de História da Universidade de York.

1 *The Letters of Private Wheeler 1809-1828*, ed. B. H. Liddell Hart, Londres, 1951, p.168-72.

Wheeler prosseguiu, fornecendo a sua esposa uma descrição da Batalha de Waterloo, a partir do violento final: a experiência de suportar o fogo da artilharia francesa, seu regimento destruindo um corpo de couraceiros inimigos com uma rajada de tiros, o espetáculo de montes de corpos queimados de soldados britânicos nas ruínas do castelo de Hougoumont, o dinheiro saqueado de um oficial hussardo francês, alvejado por um membro de um destacamento a cargo de Wheeler. Os livros de história nos contam que Wellington venceu a batalha de Waterloo. De certa maneira, William Wheeler e milhares, como ele, também a venceram.

Durante as duas últimas décadas, vários historiadores, trabalhando em uma ampla variedade de períodos, países e tipos de história, conscientizaram-se do potencial para explorar novas perspectivas do passado, proporcionado por fontes como a correspondência do soldado Wheeler com sua esposa, e sentiram-se atraídos pela ideia de explorar a história, do ponto de vista do soldado raso, e não do grande comandante. Tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes. O interesse na história social e econômica mais ampla desenvolveu-se no século XIX, mas o principal tema da história continuou sendo a revelação das opiniões políticas da elite. Havia, é claro, vários indivíduos que se sentiam infelizes com essa situação, e, já em 1936, Bertold Brecht, em seu poema *Perguntas de um operário que lê*, apresentou aquela que provavelmente ainda é a afirmação mais direta da necessidade de uma perspectiva alternativa ao que poderia ser chamado de "história da elite".[2] Mas provavelmente é justo dizer que uma declaração séria da possibilidade de transformar essa necessidade em ação só surgiu em 1966, quando Edward Thompson publicou um artigo sobre "*The History from Below*" em *The Times Literary Supplement*.[3] Daí em diante,

2 Bertold Brecht, *Poems*, ed. John Willett e Ralph Manheim, Londres, 1976, p.252-3.

3 E. P. Thompson, "History from Below", *The Times Literary Supplement*, 7 de abril de 1966, p.279-80. Para uma discussão da base para o pensamento de Thompson, ver Harvey J. Kaye, *The British Marxist Historians: an Introductory Analysis*, Cambridge, 1984.

o conceito da história vista de baixo entrou na linguagem comum dos historiadores. Em 1985 foi publicado um volume de ensaios intitulado *History from Below*,[4] enquanto em 1989, uma nova edição de um livro referente à historiografia das Guerras Civis Inglesas e às suas consequências denominou um capítulo sobre a obra recente dos radicais do período de *History from Below*.[5] Assim, durante mais ou menos os últimos vinte anos, foi encontrado um rótulo para aquela perspectiva do passado, oferecida pelas cartas de William Wheeler.

Essa perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. Mesmo hoje, grande parte da história ensinada nas sextas classes e nas universidades da Grã-Bretanha (e também, supõe-se, em instituições similares por toda parte), ainda considera a experiência da massa do povo no passado como inacessível ou sem importância; não a considera um problema histórico; ou, no máximo, considera as pessoas comuns como "um dos problemas com que o governo tinha de lidar".[6] O ponto de vista oposto foi vigorosamente apresentado por Edward Thompson em 1965, no prefácio de uma das principais obras de história inglesa:

> Estou procurando resgatar o pobre descalço, o agricultor ultrapassado, o tecelão do tear manual "obsoleto", o artesão "utopista" e até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado moribundas. Sua hostilidade ao novo industrialismo pode ter-se tornado retrógrada. Seus ideais comunitários

4 *History from Below: Studies in Popular Protest and Popular Ideology*, de Frederick Krantz, Oxford, 1988. Esta foi a edição inglesa de uma coleção primeiro publicada em Montreal, em 1985.

5 R. C. Richardson, *The Debate on the English Revolution Revisited*, Londres, 1988, capítulo 10, "The Twentieth Century: 'History from Below'".

6 Thompson, "History from Below", p.279.

> podem ter-se tornado fantasias. Suas conspirações insurrecionais podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesses períodos de extrema perturbação social, e nós, não.[7]

Portanto, Thompson não se limitou apenas a identificar o problema geral da reconstrução da experiência de um grupo de pessoas "comuns". Percebeu também a necessidade de tentar compreender o povo no passado, tão distante no tempo, quanto o historiador moderno é capaz, à luz de sua própria experiência e de suas próprias reações a essa experiência.

Meu objetivo neste ensaio será explorar, o máximo possível com referência ao que poderia ser considerado um número consistente das obras-chave publicadas, parte do potencial e dos problemas inerentes à escrita da história vista de baixo. Assim fazendo, entrarei em contato com dois temas bem diferentes, se bem que em grande medida emaranhados. O primeiro deles é introduzir o leitor na absoluta diversidade de temática produzida pelo trabalho sobre o que poderia ser descrito, em termos amplos, como uma história vista de baixo. Ele se estende desde a reconstrução das experiências dos pastores medievais dos Pireneus, até àquelas dos primeiros trabalhadores industriais de certa idade, cujas reminiscências formam o principal elemento da história oral. O segundo é isolar algumas das questões, evidenciais, conceituais e ideológicas, suscitadas pelo estudo da história vista de baixo. A ideia de uma tal abordagem da história é muito sedutora, mas, como tão frequentemente acontece, os problemas envolvidos no estudo do passado, rapidamente tornam-se mais complexos do que podem parecer à primeira vista.

A perspectiva de se escrever a história vista de baixo, resgatando as experiências passadas da massa da população, seja da total negligência dos historiadores ou da "enorme condescendência da posteridade" de Thompson, é, portanto, uma perspectiva atraente.

7 E. P. Thompson, *The Making of the English Working Class*, Londres, 1965, p.12-3.

Mas, como sugerimos, a tentativa de estudar a história dessa maneira envolve muitas dificuldades. A primeira gira em torno da evidência. Tem-se apenas de ler o estudo de Thompson sobre os anos formadores da classe trabalhadora inglesa para compreender que, sejam quais forem as críticas que possam ser feitas à sua interpretação da questão, pouca dúvida existe de que ela seja baseada em uma quantidade de material de fonte maciçamente ampla e rica. Em geral, entretanto, quanto mais para trás vão os historiadores, buscando reconstruir a experiência das classes sociais inferiores, mais restrita se torna a variedade de fontes à sua disposição. Como veremos, um excelente trabalho tem sido feito com relação aos materiais que realmente persistem para os tempos primitivos, mas o problema é real: os diários, as memórias e os manifestos políticos, a partir dos quais podem ser reconstruídas as vidas e as aspirações das classes sociais inferiores, são escassos antes do final do século XVIII, com exceção de alguns poucos períodos (como as décadas de 1640 e 1650 na Inglaterra). Em segundo lugar, há vários problemas de conceituação. Onde exatamente o "baixo" deve ser alocado, e o que seria feito com a história vista de baixo, uma vez escrita?

As complicações inerentes à questão de se precisar que história vem de baixo estão finamente ilustradas em uma das áreas de crescimento da história social nos últimos anos: o estudo da cultura popular no início da Europa moderna. Tanto quanto posso perceber, além de encará-la como uma espécie de categoria residual, nenhum historiador chegou ainda a uma definição completamente abrangente do que era na verdade a cultura popular naquele período.[8] A principal razão disso é que "o povo", mesmo há tanto tempo atrás como no século XVI, compunha um grupo muito variado, dividido por estratificação econômica, culturas profissionais e sexo. Tais

8 Ver, por exemplo, a discussão em: Peter Burke, *Popular Culture in Early Modern Europe*, Londres, 1978, p.23-64; e Barry Reay, "Introduction: Popular Culture in Early Modern England", em *Popular Culture in Seventeenth-Century England*, ed. B. Reay, Londres, 1985.

considerações invalidam qualquer ideia simplista do que o "baixo" poderia significar na maior parte dos contextos históricos.[9]

É igualmente importante a questão do significado mais amplo ou dos propósitos de uma abordagem da história vista de baixo. Os problemas ficam talvez mais bem ilustrados tomando-se por referência o trabalho dos historiadores que escrevem dentro da tradição marxista ou dentro da tradição da história britânica do trabalho. É óbvio que a contribuição dos historiadores marxistas, aqui e em qualquer outra parte, tem sido enorme: na verdade, um filósofo marxista declarou que todos aqueles que escrevem a história vista de baixo assim o fazem na sombra da conceituação marxista da história.[10] Embora tais afirmações possam parecer um tanto hiperbólicas, a dívida do historiador social para com as ideias de Marx e para com os historiadores marxistas deve ser reconhecida, e certamente não é minha intenção juntar-me à tendência atualmente em moda de depreciar uma das mais ricas tradições intelectuais do mundo. Ainda que pudesse parecer que os historiadores marxistas, antes de outros escritores, que escrevem a partir de tradições diferentes, sugerirem a amplitude da temática que o historiador social poderia estudar, tenham tendido a restringir o estudo da história vista de baixo àqueles episódios e movimentos em que as massas se engajaram na atividade política manifesta ou em áreas familiares de desenvolvimento econômico. Embora ele fosse transcender tais limitações, este foi em grande extensão o ponto de partida do ensaio de Thompson de 1966. A

9 Uma maneira de contornar este problema é examinar a experiência de diferentes setores das classes inferiores, às vezes através do estudo de caso isolado. Para duas obras que utilizam esta abordagem, ambas constituindo importantes contribuições à história vista de baixo, ver: Natalie Zemon Davis, *Society and Culture in Early Modern France*, Londres, 1975 e David Sabean, *Power in the Blood: Popular Culture and Village Discourse in Early Modern Germany*, Cambridge, 1984.

10 Alex Callinicos, *The Revolutionary Ideas of Karl Marx*, Londres, 1983, p.89. Ao contrário, poderia ser observado que não há razão por que a abordagem marxista não pudesse produzir uma história vista de baixo bastante efetiva: ver os comentários de Perry Anderson, *Lineages of the Absolutist State*, Londres, 1979, p.11.

fundamentação histórica para tal linha de pensamento foi descrita mais recentemente por Eric Hobsbawm. Hobsbawm declarou que a possibilidade do que ele chama de "história das pessoas comuns" só se tornou realmente aparente mais ou menos em torno de 1789. "A história das pessoas comuns como um campo especial de estudo", escreveu ele, "tem início com a história dos movimentos de massa no século XVIII [...] Para o marxista, ou mais comumente o socialista, o interesse na história das pessoas comuns desenvolveu-se com o crescimento do movimento trabalhista". Como ele prosseguiu para observar, essa tendência "impôs algumas luzes bastante eficazes para os historiadores socialistas".[11]

Algo da natureza dessas luzes foi sugerido em um livro de Richard Hoggart publicado em 1957, *The Uses of Literacy*, que poderia bem ter recebido o subtítulo de "The Breaking of the English Working Class". Discutindo diferentes abordagens no estudo da classe trabalhadora, Hoggart pediu cuidado aos leitores das histórias dos movimentos da classe trabalhadora. Como muitos outros, ele se afasta de muitas dessas histórias, com a impressão "de que seus autores supervalorizam o lugar da atividade política na vida da classe trabalhadora, que nem sempre têm uma noção adequada da rotina diária dessa vida".[12] Em 1966, Thompson observou uma mudança das preocupações mais antigas dos historiadores do trabalho com as instituições do trabalho e com os líderes e a ideologia aceitos, embora também tenha observado que esse processo estava tendendo a subtrair da história do trabalho parte de sua coerência.[13] Hobsbawm, escrevendo à luz da subsequente ampliação da história do trabalho, conseguiu fazer comentários mais centralizados neste ponto. O problema era (como sugeriu Hobsbawm) que os historiadores do movimento trabalhista,

11 E. J. Hobsbawm, "History from Below Some Reflections", em *History from Below*, ed. Krantz, p.15.

12 Richard Hoggart, *The Uses of Literacy: Aspects of Working-Class Life with Special Reference to Publications and Entertainments*, Harmondsworth, 1958, p.15.

13 Thompson, "History from Below", p.280.

marxistas ou não, estudaram "não exatamente as pessoas comuns, mas as pessoas comuns que poderiam ser consideradas os ancestrais do movimento; não os trabalhadores como tais, porém mais como cartistas, sindicalistas, militantes trabalhistas". A história do movimento trabalhista e de outros desenvolvimentos institucionalizados, declarou ele, não deveria "substituir a história das pessoas comuns em si".[14]

Outra limitação que a corrente principal da história do trabalho cria para a história vista de baixo é aquela de uma restrição no período. Os leitores do ensaio inicial de Thompson e da posterior contribuição de Hobsbawm poderiam facilmente ter ficado (apesar das intenções dos autores) com a impressão de que a história vista de baixo só pode ser escrita para os períodos da Revolução Francesa em diante. Hobsbawm, como observamos, acreditava que foi o desenvolvimento dos movimentos de massa no final do século XVIII que primeiro alertou os estudiosos para a possibilidade de se escrever a história vista de baixo, e prosseguiu declarando que "a Revolução Francesa, especialmente desde que o jacobinismo foi revitalizado pelo socialismo e o Iluminismo pelo marxismo, tem sido o campo de prova para esse tipo de história". Indagando um pouco mais adiante "por que tanta história moderna popular emergiu do estudo da Revolução Francesa?", Hobsbawm citou a ação conjunta da massa populacional e os arquivos criados por "uma vasta e diligente burocracia", que documentava os atos das pessoas comuns e depois passou a classificar e preencher seus registros "em benefício do historiador". Esta documentação proporcionava um rico filão para a pesquisa posterior e era também, segundo Hobsbawm, "perfeitamente legível, ao contrário das caligrafias intrincadas dos séculos XVI e XVII".[15]

---

14 Hobsbawm, "Some Reflections", p.15.

15 Ibidem, p.16. Apesar do ceticismo que se poderia experimentar sobre a singularidade da contribuição de historiadores da Revolução Francesa, permanece claro que as obras baseadas naquele período deram uma substancial contribuição ao

Entretanto, a história vista de baixo não tem sido meramente escrita a respeito da história política familiar moderna, por historiadores incapazes de enfrentar os desafios paleográficos. Na verdade, embora o conceito da história vista de baixo tenha sido essencialmente desenvolvido por historiadores marxistas ingleses, que escreviam dentro dos limites cronológicos tradicionais da história britânica do trabalho, talvez o livro, que utiliza essa perspectiva no passado a criar maior impacto, tenha sido escrito por um estudioso francês que tomou como sua temática uma comunidade medieval camponesa dos Pireneus. *Montaillou*, de Emmanuel Le Roy Ladurie, pela primeira vez publicado na França em 1975, despertou maior atenção, foi mais vendido e teve maior alcance de leitores que a maior parte das obras de história medieval.[16] Evidentemente, ele tem suscitado alguma crítica no interior da comunidade erudita, e várias questões foram levantadas sobre a metodologia de Le Roy Ladurie e a abordagem por ele utilizada de suas fontes.[17] Os historiadores que trabalham com a visão de baixo devem, é claro, ser tão rigorosos nessas questões quanto em quaisquer outras, mas *Montaillou* se situa como uma espécie de marco na escrita da história vista dessa perspectiva. Como observou seu autor, "embora haja muitos estudos históricos relacionados às comunidades camponesas, há muito pouco material disponível que possa ser considerado o testemunho direto dos próprios camponeses".[18] Le Roy Ladurie contornou esse problema baseando seu livro nos registros inquisitoriais produzidos

---

cânone da história vista de baixo, desde estudos pioneiros como Georges Lefebvre, *Les Paysans du Nord*, Paris, 1924 e *The Great Fear of 1789*, Paris, 1932, trad. ingl., Nova York, 1973, até a obra mais recente de Richard Cobb.

16 Publicado em inglês como *Montaillou: Cathars and Catholics in a French Village 1294-1324*, Londres, 1978.

17 Ver, por exemplo: L. E. Boyle, "Montaillou Revisited: *Mentalité* and Methodology", in *Pathways to Medieval Peasants*, ed. J. A. Raftis, Toronto, 1981 e R. Rosaldo, "From the Door of his Tent: the Fieldworker and the Inquisitor", em *Writing Culture: the Poetics and Politics of Ethnography*, ed. J. Clifford e G. Marcus, Berkeley, 1986.

18 Le Roy Ladurie, *Montaillou*, p.vi.

por Jacques Fournier, Bispo de Poitiers, durante sua investigação da heresia entre 1318 e 1325. Sejam quais forem seus inconvenientes, *Montaillou* não apenas demonstrou que a história vista de baixo poderia atrair o público leitor em geral, mas também que alguns tipos de registro oficial poderiam ser utilizados para explorar o mundo mental e material das gerações passadas.

Na verdade, os historiadores sociais e econômicos estão empregando cada vez mais tipos de documentação, cuja real utilidade como evidência histórica repousa no fato de que seus compiladores não estavam deliberada e conscientemente registrando para a posteridade. Supõe-se que muitos desses compiladores ficariam surpresos, e talvez preocupados, com o uso que os historiadores recentes fizeram dos casos judiciais, registros paroquiais, testamentos e transações de terras feudais que registraram. Tal evidência pode ser empregada, adequadamente, para explorar ações e ideias explícitas ou suposições implícitas, e também para propiciar uma base quantitativa às experiências do passado. Como observou Edward Thompson:

> As pessoas pagavam impostos: as listas de impostos são apropriadas, não pelos historiadores da taxação, mas por demógrafos históricos. As pessoas pagavam dízimos: os inventários são apropriados como evidência pelos demógrafos históricos. As pessoas eram arrendatárias consuetudinárias ou enfiteutas; seus títulos de posse eram inscritos e constavam dos registros da corte feudal: essas fontes essenciais são exaustivamente interrogadas pelos historiadores, não somente em busca de nova evidência, mas em um diálogo em que eles propõem novas perguntas.[19]

Pelo que sugere esta citação, tais materiais são muito variados. Ocasionalmente, como ocorre com os materiais em que *Montaillou*

19 E. P. Thompson, *The Poverty of Theory and Other Essays*, Londres, 1978, p.219-20. Para uma discussão mais ampla dos tipos de registros sobre os quais os historiadores da Inglaterra poderiam basear a história vista de baixo, ver Alan Macfarlane, Sarah Harrison e Charles Jardine, *Reconstructing Historical Communities*, Cambridge, 1977.

foi baseado, permitem que o historiador consiga chegar tão próximo às palavras das pessoas quanto consegue o gravador do historiador oral. A história oral tem sido muito usada pelos historiadores que tentam estudar a experiência das pessoas comuns, embora, é claro, não haja razão por si só evidente do motivo pelo qual o historiador oral não deva gravar as memórias das duquesas, dos plutocratas e dos bispos, da mesma forma que dos mineiros e dos operários fabris.[20] Mas o historiador oral tem problemas óbvios ao tratar com pessoas que morreram antes de serem gravadas ou cuja memória foi perdida por seus sucessores, e o tipo de testemunho direto que pode obter é negado aos historiadores dos períodos mais antigos. Ao contrário, como sugerimos, existem fontes que permitem aos historiadores de tais períodos chegarem mais perto das experiências das pessoas das classes inferiores.

Le Roy Ladurie utilizou uma fonte desse tipo: o registro de Jacques Fournier. Outro trabalho, que mostra como este tipo de registro legal poderia ser empregado por um tipo bem diferente de história vista de baixo, foi publicado em 1976, a edição italiana de *The Cheese and the Worms*, de Carlo Ginzburg.[21] O objetivo de Ginzburg não era reconstruir a mentalidade e o modo de viver de uma comunidade camponesa, mas antes explorar o mundo intelectual e espiritual de um moleiro chamado Domenico Scandella (apelidado de Menocchio), nascido em 1532, que viveu em Friuli, no Nordeste da Itália. Menocchio teve complicações com a Inquisição (foi afinal executado, provavelmente em 1600) e a volumosa documentação que

20 Algumas impressões do tipo de áreas temáticas cobertas pelos historiadores orais podem ser obtidas por meio da leitura dos registros regulares do trabalho em andamento contidos em *Oral History: the Journal of the Oral History Society*, publicado desde 1972.

21 Publicado em inglês, traduzido por Anne e John Tedeschi, como *The Cheese and the Worms: the Cosmos of a Sixteenth-Century Miller*, Londres, 1980. Outra obra de Ginzburg, *The Night Battles: Witchcraft and Agrarian Cults in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Londres, 1983 (ed. italiana, 1966), também demonstra como os registros inquisitoriais podem ser usados para esclarecer as crenças populares.

se refere ao seu caso permitiu que Ginzburg reconstruísse grande parte do sistema religioso de Menocchio. O livro em si é uma realização notável, o prefácio de Ginzburg apresenta uma proveitosa discussão dos problemas conceituais e metodológicos da reconstrução da cultura das classes subalternas no mundo pré-industrial. Ele foi particularmente insistente para "o fato de uma fonte não ser 'objetiva' (para aquele tema, nem um inventário o é) não significar que ela seja inútil [...] Em suma, mesmo a documentação escassa, dispersa e obscura pode ter um bom uso",[22] e o estudo dos indivíduos nesse tipo de profundidade é tão valioso quanto as abordagens coletivas mais familiares à história social. Resta o problema, é claro, da representatividade de tais indivíduos, mas os estudos de caso desse tipo, tratados de forma adequada, podem ser imensamente esclarecedores.

Mas, em seus esforços para estudar a história vista de baixo, os historiadores utilizaram outros tipos de documentação oficial ou semioficial, além de uma fonte rica isolada. Um exemplo disso é Barbara A. Hanawalt, que fez um uso extensivo de uma das grandes fontes negligenciadas da história social inglesa, a inquirição do *coroner*[23] na reconstrução da vida familiar camponesa medieval.[24] Hanawalt declara que esses registros estão isentos das tendências encontradas nos registros das cortes reais, eclesiásticas ou feudais, além de apontar (voltando a um tema anterior) que os detalhes da vida material e das atividades familiares neles assinalados são incidentais ao principal propósito dos registros, daí a improbabilidade de serem distorcidos. Como é tão frequente quando se trata de registros oficiais, eles têm sua maior utilidade quando empregados para propósitos que seus

22 Ginzburg, *The Cheese and the Worms*, p.xvii.

23 Oficial de justiça anglo-saxão (cargo criado no fim do século XII), com parte das atribuições do xerife e cujas funções estão atualmente limitadas à investigação da causa das mortes violentas, não naturais ou misteriosas. (N.T.)

24 Barbara A. Hanawalt, *The Ties that Bound: Peasant Families in Medieval England*, Nova York e Oxford, 1986. Para uma apresentação mais breve dos objetivos de Hanawalt, ver seu artigo "Seeking the Flesh and Blood of Manorial Families", *Journal of Medieval History*, 14, p.33-45, 1988.

compiladores jamais sonharam. Combinadas com outras formas de documentação, Hanawalt usou as inquirições para compor um quadro do ambiente material, da economia familiar, das etapas no ciclo de vida, nos padrões de educação dos filhos e de outros aspectos da vida cotidiana dos camponeses medievais. Em certo sentido, seu trabalho demonstra uma estratégia alternativa àquela seguida por Le Roy Ladurie e Ginzburg: o exame minucioso de um vasto corpo de documentação, em vez da construção de um estudo de caso baseado em uma fonte excepcionalmente rica. Mas o resultado final é uma demonstração de como mais uma forma de documentação oficial pode ser usada para construir a história vista de baixo.

Esta ampliação do alcance cronológico da história vista de baixo, assim como o movimento em direção a um âmbito mais amplo das preocupações históricas do que as ações políticas e os movimentos políticos das massas, levou a uma busca de outros modelos, além daqueles proporcionados pelo marxismo tradicional, ou pelo velho estilo da história do trabalho. A necessidade de se manter um diálogo com os estudiosos marxistas é essencial, mas permanece claro que até a aplicação, para o mundo pré-industrial, de um conceito marxista básico como aquele é problemática, ao mesmo tempo em que é difícil imaginar-se uma linha distintamente marxista em um processo de difamação em Yorkshire, no século XVI, ou em uma fraude em Wiltshire, no século XVII. Infelizmente, a busca de um modelo alternativo (admitidamente, ainda em seus escassos primórdios) até agora alcançou muito pouco sucesso. Muitos historiadores, especialmente na Europa continental, foram inspirados pela escola francesa dos *Annales*.[25] Sem dúvida, muitos dos vários trabalhos produzidos por escritores, que operam dentro da tradição dos *Annales*, não apenas aprofundaram nosso conhecimento do passado, mas também proporcionaram incríveis reflexões metodológicas demonstrando o

25 A melhor introdução para a obra dessa escola é Traian Stoianavitch, *French Historical Method: the Annales Paradigm*, Ithaca e Londres, 1976.

uso inovador que pode ser feito das formas familiares de documentação e o modo como novas questões sobre o passado podem ser formuladas. Além disso, a clarificação dos *annalistas* do conceito de *mentalité* comprovou-se de grande valor para os historiadores que tentaram reconstruir o mundo mental das pessoas das classes inferiores. Entretanto, eu gostaria de afirmar que a maior contribuição da abordagem dos *Annales* tem sido a demonstração de como compor o contexto dentro do qual poderia ser escrita a história vista de baixo. Por exemplo, o conhecimento de uma queda nos preços dos grãos, em uma determinada sociedade durante um dado período, ajuda a compor o pano de fundo essencial para a compreensão da experiência do pobre: tal evidência quantificada, no entanto, pode não ser toda a história.

Outros buscaram modelos na sociologia e na antropologia. Aí, também, em mãos competentes e sensíveis, os ganhos têm sido grandes, embora mesmo nessas mãos alguns problemas ainda permaneçam, enquanto em outras ocorreram alguns desastres. Poderia ser argumentado que a sociologia é de maior relevância para os historiadores da sociedade industrial, enquanto algumas de suas suposições nem sempre têm sido muito facilmente aplicáveis ao tipo de microestudo da preferência dos profissionais da história vista de baixo.[26] A antropologia tem atraído muitos historiadores que estudam tópicos medievais e do início do modernismo, embora aqui também o resultado tenha apresentado alguns problemas.[27] Algumas dessas questões são esclarecidas pelo trabalho de Alan Macfarlane sobre

26 Para discussões gerais do relacionamento entre as duas disciplinas, ver: Peter Burke, *Sociology and History*, Londres, 1980 e Philip Abrams, *Historical Sociology*, Shepton Mallet, 1982.

27 Duas exposições clássicas da importância dos possíveis elos entre a história e a antropologia são E. E. Evans-Pritchard, *Anthropology and History*, Manchester, 1961 e Keith Thomas, "History and Anthropology", *Past and Present*, 24, p.3-24, 1963. Para uma visão mais cética, ver E. P. Thompson, "Anthropology and the Discipline of Historical Context", *Midland History*, 3, n.1, p.41-56, primavera de 1972.

as acusações de bruxaria na Essex de Tudor e Stuart.[28] Macfarlane decidiu escrever o que poderia ser descrito como uma história da bruxaria vista de baixo. A interpretação elitista do tema foi anteriormente apresentada por Hugh Trevor-Roper, que, em seu próprio estudo da bruxaria na Europa, no início da era moderna, declarou sua falta de interesse em "meras crenças, em bruxarias: aquelas credulidades aldeãs elementares que os antropólogos descobrem em todas as épocas e em todos os lugares".[29] Macfarlane, ao contrário, imergiu ele próprio nas "meras crenças em bruxarias" e produziu um livro que se constituiu em um importante aprofundamento de nossa compreensão do assunto. Um dos elementos mais notáveis em seu projeto foi a aplicação de estudos antropológicos ao material histórico. O resultado foi um aprofundamento de nossas reflexões na função da bruxaria no interior da sociedade da aldeia e a percepção do quanto as acusações de bruxaria eram geradas na maior parte das vezes por um conjunto razoavelmente padronizado de tensões interpessoais. Mas a abordagem antropológica ajudou pouco aos leitores na compreensão daquelas dimensões mais amplas do tópico e que são exteriores à comunidade da aldeia; por que foi aprovada uma lei no parlamento permitindo a perseguição da bruxaria maléfica em 1563 e por que outra legislação, tornando impossível a perseguição legal da bruxaria, foi aprovada em 1736? A abordagem micro-histórica utilizada preferencialmente pelos modelos antropológicos pode facilmente obscurecer o problema mais geral do lugar, onde o poder está concentrado na sociedade como um todo e da natureza de sua operação.

28 Alan Macfarlane, *Witchcraft in Tudor and Stuart England: A Regional and Comparative Study*, Londres, 1970. A obra de Macfarlane deveria ser lida em conjunto com Keith Thomas, *Religion and the Decline of Magic: Studies in Popular Beliefs in Sixteenth and Seventeenth-Century England*, Londres, 1971, trabalho abrangente que também deduz consideráveis reflexões da antropologia.

29 H. R. Trevor-Roper, *The European Witch-Craze of the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Harmondsworth, 1967, p.9.

Por trás de toda a nossa discussão ocultou-se uma questão fundamental: a história vista de baixo constitui uma *abordagem* da história ou um *tipo* distinto de história? O ponto pode ser enfocado de ambas as direções. Como abordagem, a história vista de baixo preenche comprovadamente duas funções importantes. A primeira é servir como um corretivo à história da elite, para mostrar que a batalha de Waterloo envolveu tanto o soldado Wheeler quanto o Duque de Wellington, ou que o desenvolvimento econômico da Grã-Bretanha, que estava em plena atividade em 1815, envolveu o que Thompson descreveu como "a pobre e sangrenta infantaria da Revolução Industrial, sem cujo trabalho e perícia ela teria permanecido uma hipótese não testada".[30] A segunda é que, oferecendo esta abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história. Inversamente, poderia ser argumentado que a temática da história vista de baixo, os problemas de sua documentação e, possivelmente, a orientação política de muitos de seus profissionais criam um tipo distinto de história. Em certo sentido, é claro, é difícil estabelecer-se uma divisão precisa entre um tipo de história e uma abordagem à disciplina em geral: a história econômica, a história intelectual, a história política, a história militar etc., têm uma eficácia mínima quando confinadas em caixas hermeticamente fechadas. Qualquer tipo de história se beneficia de uma abertura no pensamento do historiador que a está escrevendo.

Poderia parecer, então, que a história vista de baixo tem sua maior eficácia quando está situada dentro de um contexto. Assim, no primeiro número de uma revista destinada em grande medida a este tipo de história, o editorial coletivo do *History Workshop Journal* declarou que "nosso socialismo determina nossa preocupação com as pessoas comuns no passado, com sua vida, seu trabalho, seu

30 Thompson, "History from Below", p.280.

pensamento e sua individualidade, assim como com o contexto e com as causas determinantes de sua experiência de classe" e, prosseguiu, "determina igualmente a atenção que devemos prestar ao capitalismo".[31] Como nossos sentimentos nos recordam, a expressão "história vista de baixo" implica que há algo acima para ser relacionado. Esta suposição, por sua vez, presume que a história das "pessoas comuns", mesmo quando estão envolvidos aspectos explicitamente políticos de sua experiência passada, não pode ser dissociada das considerações mais amplas da estrutura social e do poder social. Esta conclusão, por sua vez, leva ao problema de como a história vista de baixo deve ser ajustada a concepções mais amplas da história. Ignorar este ponto, ao se tratar da história vista de baixo ou de qualquer tipo de história social, é arriscar a emergência de uma intensa fragmentação da escrita da história, talvez mesmo de algum tipo de "antiquarianismo" moderno. Os perigos foram bem apontados em 1979 por Tony Judt. Não é necessário que compartilhemos inteiramente da posição de Judt para simpatizar com a sua preocupação de que "não há lugar para a ideologia política na maior parte da história social moderna, não mais do que havia na sociologia da qual esta última derivou [...] a história social, como indiquei anteriormente, foi transformada em uma espécie de antropologia cultural retrospectiva".[32]

O tipo de história vista de baixo introduz outra questão, aquela da ampliação da audiência do historiador profissional, de permitir um acesso mais amplo à história de um padrão profissional do que aquele normalmente permitido pelos nobres acadêmicos profissionais e seus alunos. Em seu artigo de 1966, Thompson observou que Tawney e outros historiadores de sua geração tinham "um relacionamento incomumente amplo e participante com um público externo aos campos da academia", e obviamente lamentou que isso não fosse

31 "Editorial", *History Workshop*, 1, p.3, 1971.

32 Tony Judt, "A Clown in Regal Purple: Social History and the Historian", *History Workshop* 7, p.87, 1979.

uma prática comum aos profissionais mais recentes.[33] Esta questão foi levantada mais recentemente por alguém que trabalha em uma posição ideológica bastante diferente daquela de Thompson, David Cannadine. Constatando a maciça expansão da história como uma disciplina universitária na Grã-Bretanha do pós-guerra, Cannadine comentou que

> grande parte desta nova versão profissional da história britânica foi completamente afastada da grande audiência leiga, cuja satisfação de sua curiosidade sobre o passado nacional foi um dia a principal função da história. Um resultado paradoxal deste período de expansão sem precedentes foi que cada vez mais os historiadores acadêmicos estavam cada vez mais escrevendo uma história acadêmica que cada vez menos pessoas realmente liam.[34]

Um dos principais objetivos daqueles que escrevem a história vista de baixo, particularmente daqueles que trabalham com uma postura socialista ou de história do trabalho, era tentar remediar esta situação, ampliando seu público e, possivelmente, proporcionando uma versão do povo daquela nova síntese de nossa história nacional, cujo fim Cannadine lamentava. À medida que seus esforços não foram bem-sucedidos e a história da elite ainda parece estar muito ao gosto público, o próprio Hobsbawm admitiu seu engano na leitura variada de biografias de figuras políticas proeminentes.[35]

Mesmo assim, a ideia do acesso ampliado a um conhecimento de nosso passado, através da história vista de baixo, ainda é atrativa.

33 Thompson, "History from Below", p.279.

34 David Cannadine, "British History: Past, Present and Future", *Past and Present*, 116, p.177, 1987. O trabalho de Cannadine inspirou "Comments", de autoria de P. R. Coss, William Lamont e Neil Evans, *Past and Present*, 119, p.171-203, 1988. Os pontos de vista de Lamont, especialmente aqueles expressos nas páginas 180-193, sugerem uma abordagem da história vista de baixo para uma nova história nacional, enquanto Evans, na p.197, declara explicitamente que "a história britânica [...] precisa ser moldada através de uma visão de baixo e transformar-se gradualmente em uma compreensão do Estado".

35 Hobsbawm, "Some Reflections", p.13.

Entretanto, permanece o perigo de se cair em algo como a fragmentação do conhecimento histórico e a despolitização da história que tanto contrariaram Judt. O interesse popular na história vista de baixo, como qualquer pessoa que teve de lidar com questões sobre tais tópicos nos encontros da Associação Histórica irá saber, está frequentemente restrito ao que poderia ser chamado de uma visão "porão-sótão" da sociedade do passado, sendo este problema exacerbado por alguns aspectos do que atualmente estamos nos acostumando a descrever como história pública. Tal visão é a tomada de consciência de que as pessoas fizeram coisas diferentes (e então, implicitamente estranhas) no passado, e que muitas delas sofreram privações materiais e suportaram sofrimentos, o que nos permite comparar os dissabores do passado com nossas atuais condições mais amenas. Mas há pouca tentativa de se levarem os temas adiante ou de se abordarem os problemas históricos em um nível bem mais elevado que a anedota ou a experiência local isolada. Mesmo aqueles com uma visão mais desenvolvida do passado do povo não escaparam daquelas acusações de "antiquarianismo" que os historiadores acadêmicos gostam tanto de lançar sobre seus companheiros menos bem aquinhoados conceitual e ideologicamente. Por isso, Roderick Floud, criticando a posição de um grupo com ideias muito nitidamente definidas sobre a importância da história do povo, pôde declarar que "às vezes, na verdade, o estilo de um Grupo de Trabalho de História tendeu para o 'antiquarianismo' da esquerda, para a reunião e publicação de coisas sem importância da vida da classe trabalhadora".[36] Embora não se possa simpatizar com o sentido total do argumento de Floud, pouca dúvida pode haver de que ele chamou a atenção para um problema genuíno.

Uma possível resposta a essa crítica é, evidentemente, que até que algum "antiquarianismo de esquerda" tenha permitido a cons-

36 Roderick Floud, "Quantitative History and People's History", *History Workshop*, 17, p.116, 1984.

trução de um conjunto sólido de material importante, até mesmo através da reunião e publicação de coisas sem importância, pouca esperança pode haver de se desenvolver uma síntese madura ou uma visão significativa mais ampla. Uma segunda resposta, e talvez mais válida, poderia ser que estudos de caso isolados ou outros estudos similares, se contextualizados, poderiam conduzir a algo mais significativo que o "antiquarianismo". Sob circunstâncias apropriadas (o estudo de Carlo Ginzburg sobre Domenico Scandella pareceria fornecer um bom exemplo) o escritor da história vista de baixo pode se beneficiar muito do uso daquilo que os antropólogos poderiam chamar de descrição densa.[37] O problema intelectual que uma técnica desse tipo suscita será familiar aos historiadores sociais: o de situar um acontecimento social dentro de seu contexto cultural pleno, de forma a ele poder ser estudado mais em um nível analítico que apenas em um nível descritivo. Mas, obviamente, este processo pode ser revertido, e uma vez que foi estabelecido um domínio da sociedade em questão, o acontecimento social ou individual isolados (como foi o caso do único, mas bem documentado, moleiro de Friuli) podem ser usados para proporcionar uma base para uma compreensão mais profunda daquela sociedade. O historiador não necessita adotar o conceito semiótico de cultura defendido por antropólogos como Clifford Geertz para apreciar a utilidade potencial desta técnica. E o problema básico a que Geertz se refere, aquele do quanto estamos aptos a compreender as pessoas culturalmente diferentes de nós, e do quanto estamos aptos a traduzir uma realidade cultural para as idealizações eruditas de livros, artigos ou conferências, certamente é familiar ao estudante da história vista de baixo.

Espera-se que as páginas precedentes tenham, pelo menos, convencido o leitor de que a escrita da história vista de baixo é um projeto que se comprovou extraordinariamente frutífero. Atraiu a

37 Ver Clifford Geertz, *The Interpretation of Cultures*, Nova York, 1973, capítulo 1, "Thick Description: Toward an Interpretative Theory of Culture".

atenção de historiadores que estão trabalhando em várias sociedades passadas, tanto geograficamente variadas quanto cronologicamente estendendo-se dos séculos XIII ao XX. Esses historiadores são oriundos de vários países e de várias tradições intelectuais e posições ideológicas. Ao escrever a história vista de baixo, esses historiadores buscaram socorro de formas tão variadas quanto a quantificação, com a ajuda do computador e da teoria antropológica, e seus achados apareceram em formatos tão diferentes quanto o artigo erudito técnico e o livro *best-seller*. Chegou o momento de se tirar algumas conclusões gerais sobre os trabalhadores que operaram neste canto frutífero, embora confuso, do vinhedo de Clio.

Está, pelo menos, claro que vários historiadores foram bem-sucedidos na superação dos obstáculos não insignificantes que impedem a prática da história vista de baixo. Mais especificamente, vários estudiosos reconheceram a necessidade de dar um salto conceitual para aumentar sua compreensão das pessoas das classes inferiores nas sociedades passadas, e tiveram então de prosseguir para realizar com sucesso aquela proeza de ginástica intelectual. Edward Thompson, Carlo Ginzburg, Emmanuel Le Roy Ladurie e outros, partindo de pontos diferentes e tendo em vista objetivos históricos diferentes, foram todos capazes de demonstrar como a imaginação pode interagir com a erudição para ampliar nossa visão do passado. Além disso, o trabalho desses e de outros historiadores mostrou como a imaginação histórica pode ser aplicada não somente para estruturar novas conceituações sobre a temática da história, mas também para questionar de outra forma os documentos e fazer coisas diferentes com eles. Há duas ou três décadas, muitos historiadores teriam negado a possibilidade, com base em evidências, de escrever uma história séria sobre vários temas que agora são familiares: crime, cultura popular, religião popular, a família camponesa. Desde medievalistas tentando reconstruir a vida das comunidades históricas até historiadores orais, registrando e descrevendo a vida das primeiras gerações no século XX, os historiadores que trabalham com esta visão de baixo mostraram como o uso imaginativo

do material da fonte pode esclarecer muitas áreas da história, que de outra forma poderia se supor estarem mortas e condenadas a permanecer na escuridão.

Mas a importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história. Como já observamos, a colocação inicial da história vista de baixo, na história da Revolução Francesa ou na história do movimento trabalhista britânico, causa aqui alguns problemas, embora permaneça verdadeiro que o trabalho sobre a massa populacional no século XVIII ou a classe trabalhadora do século XIX tenha proporcionado alguns dos mais significativos exemplos de como a história inopinada de setores da população pode ser descoberta. Os propósitos da história são variados, mas um deles é prover aqueles que a escrevem ou a leem de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem. Em um nível mais amplo, este pode tomar a forma do papel da história, embora fazendo parte da cultura nacional, na formação de uma identidade nacional. A história vista de baixo pode desempenhar um papel importante neste processo, recordando-nos que nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais. Este ponto tem outras implicações. Em um livro sobre a história de um grupo que era inegavelmente "de baixo", os escravos negros nos Estados Unidos no período pré-Guerra Civil, Eugene D. Genovese declarou que o seu principal objetivo era explorar "a questão da nacionalidade – da 'identidade' [que] seguiu furtivamente a história afro-americana desde seus primórdios coloniais".[38] Mais uma vez, como, por exemplo, no trabalho de Thompson sobre a classe trabalhadora inglesa, o uso da história para auxiliar a autoidentificação é fundamental. Mas poderia ser observado que o livro de Genovese tem o subtítulo "O Mundo que os Escravos Construíram". Para Genovese, os seres humanos que formavam sua temática, embora sem dúvida socialmente inferiores, foram capazes de construir um mundo para si: por isso, eram *atores* históricos, *criaram* história, muito mais do que foram apenas um "problema" que contribuiu para envolver políticos e soldados brancos em uma guerra civil, e que os políticos brancos iam finalmente "resolver". A maior parte daqueles que escreveram a história vista de baixo aceitariam, em um sentido amplo, a opinião de que um dos resultados de terem seguido essa abordagem tem sido demonstrar que os membros das classes inferiores foram agentes cujas ações afetaram o mundo (às vezes limitado) em que eles viviam. Voltamos à argumentação de Edward Thompson de que as pessoas comuns não eram apenas "um dos problemas com que o governo tinha de lidar".

38 Eugene D. Genovese, *Roll, Jordan, Roll: the World the Slaves Made*, Londres, 1975, p.xv.

Mas, lamentavelmente, temos de admitir que embora o conceito tenha estado conosco por mais de duas décadas, a história vista de baixo até agora causou comparativamente pouco impacto na história da corrente principal ou na alteração das perspectivas dos historiadores da corrente principal. Encarando o problema por um de seus níveis básicos, os compêndios de iniciação à história têm pouco a dizer sobre o assunto. A maior parte dos estudantes que deseja descobrir de que trata a história, ou como ela deve ser feita, ainda se volta ou é dirigida para o que é atualmente uma obra absolutamente obsoleta, *What is History?*, de E. H. Carr. Lá encontrarão uma visão bastante limitada do que poderia ser a resposta a essa intrigante pergunta. Em particular, descobrirão que Carr não tem a imaginação aberta em relação à temática da história que historiadores posteriores demonstraram, e que Braudel e outros escritores da tradição inicial dos *Annales* já haviam estabelecido antes de ele ter escrito o seu livro. Por isso, sua declaração de que "A travessia de César daquele pequeno riacho, o Rubicão, é um fato histórico,

enquanto a travessia do Rubicão por milhares de pessoas, antes ou depois dele não interessa absolutamente a ninguém" sugere que a história do transporte, da migração e da mobilidade geográfica não lhe ocorreram. Similarmente, seus problemas de aceitação da morte a pontapés de um vendedor de pão de gengibre, em Stalybridge Wakes em 1850, como um fato histórico (insinua-se que o vendedor de pão de gengibre pode ter tido uma visão mais clara do tema) demonstra que ele não havia considerado a história do crime como um tema.[39] Se uma obra for escrita para substituir a de Carr como um compêndio de iniciação à história, é óbvio que seu autor, à luz da história vista de baixo e dos desenvolvimentos recentes mais amplos da história social, necessariamente terá uma visão mais ampla do passado.

Por conseguinte, nosso ponto final deve ser que, por mais valiosa que a história vista de baixo possa ser no auxílio ao estabelecimento da identidade das classes inferiores, deve ser retirada do gueto (ou da aldeia de camponeses, das ruas da classe trabalhadora, dos bairros miseráveis ou dos altos edifícios) e usada para criticar, redefinir e consolidar a corrente principal da história. Aqueles que escrevem a história vista de baixo não apenas proporcionaram um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado: também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas. Desse modo, a história vista de baixo mantém sua aura subversiva. Há um perigo distante de que ela, como ocorreu com a escola dos *Annales*, possa se tornar uma nova ortodoxia, mas no momento ainda faz troça da corrente principal. Certamente existirão historiadores, tanto acadêmicos quanto populares, que planejarão escrever livros que implícita ou explicitamente neguem a possibilidade de uma recriação histórica significativa das vidas das massas, mas seus motivos para agir assim serão cada vez mais duvidosos. A história vista de baixo ajuda a convencer aqueles

39 E. H. Carr, *What is History?*, Harmondsworth, 1961, p.11-2.

de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. Mas também, com o passar dos anos, vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos britânicos.